

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

CURSO DE ARQUEOLOGIA

FRANCISCA BENTES

**SÍTIO HATAHARA: UM OLHAR SOBRE OS
REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS**

EMPOEIRADOS

Manacapuru

2017

FRANCISCA DAS CHAGAS DE OLIVEIRA BENTES

**SÍTIO HATAHARA: UM OLHAR SOBRE OS REMANESCENTES
ÓSSEOS HUMANOS EMPOEIRADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado do
Amazonas como requisito para obtenção do
título de Bacharela em Arqueologia.

Orientador (a) Msc. Ivone Maria Bezerra

Manacapuru

2017

FRANCISCA DAS CHAGASDE OLIVEIRA BENTES

**SÍTIO HATAHARA: UM OLHAR SOBRE OS REMANESNENTES ÓSSEOS
EMPOEIRADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do
Estado do Amazonas como requisito
para obtenção do título de Bacharela
em Arqueologia.

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____
Prof^a MsC. Ivone Maria Bezerra Amorim
Universidade do Estado do Amazonas

_____/_____/_____
Prof^o MsC. Crivaldo Cássio Silva de Souza
Universidade do Estado do Amazonas

_____/_____/_____
Prof^o Dr. Rhuan Carlos Lopes
Universidade do Estado do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por ter concedido a vida ao decorrer do curso, a minha família que sempre me apoiou em minhas decisões. Agradeço aos meus professores do curso de Arqueologia pelo o comprometimento e persistência em todas as dificuldades decorrente estrutura e consolidação da estrutura do curso.

Agradeço a minha turma de Arqueologia pela parceria, companheirismo e a convivência durante todo o curso, onde aprendi a viver com as diferencia dos colegas, conseguir o respeito de todos, porém tenho um grande respeito e admiração por todos. Em especial aos colegas de trabalho da Drogaria Droga Lar, à Altélia, à Cleimara, à Edna, à Ellem, à Juliana, à Nete, à Niriam à Nozicleide, à Tayssa e ao meu querido Valdo, onde cederam diversas vezes folgas e horários para que eu pudesse conciliar o horário da faculdade, dos trabalhos de campo e estágio, aos meus patrões a Sra. Nozileide Orreda e Sr. Wagner Oliveira muito obrigada pela parceria e amizade.

Obrigada minha orientadora a Msc. Ivone Bezerra, mesmo sem tempo me acolheu em sua casa para as orientações pudesse acontecer, ao professor Dr. Rhuan Lopes pela disponibilidade de sempre atender nas duvidas ocorrida durante esse percurso. Agradeço o Núcleo da UEA Manacapuru na pessoa Andréia Cintia que sempre esteve presente conosco durante esses quatro anos.

Sou grato por meus amigos, á Luzia e família, à Luiza e família, ao Sr. Pedro e família, Pr. Genival e família que sempre estiveram comigo, sempre que precisei não me negaram ajuda, a arqueóloga Ângela Araújo e o Dr. Carlos Silva (Tijolo) pela contribuição.

Meus sinceros agradecimentos mais que especial aos amigos de curso à Célia, à Luiza, ao Ivom, ao Clarindo e ao Washington pela preocupação entre os acontecimentos durante a esse período do trabalho de conclusão.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. MARCO TEÓRICO	9
1.2 JUSTIFICATIVA	10
1.3 PROBLEMA DA PESQUISA.....	11
2. Objetivo Geral	11
2.1. Objetivos Secundários	12
3. METODOLOGIA.....	12
3.1. SOBRE O SÍTIO HATAHARA: PESQUISA, CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES.	13
3.2. PESQUISA RECENTE	13
3.3. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DO SÍTIO HATAHARA	17
4. LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFAM	21
4.1. ACONDICIONAMENTO DO MATERIAL OSTEOLÓGICO NO LABORATÓRIO DA UFAM	22
4.2. TRATAMENTO DADO AOS REMANESCENTES ÓSSEOS ACONDICIONADOS NO LABORATÓRIO DA UFAM	23
4.3. FOTOS DOS MATERIAIS OSTEOLÓGICOS ACONDICIONADOS NA RESERVA TÉCNICA UFAM.	23
5. PARA UM BOM ACONDICIONAMENTO EM RESERVA TÉCNICA	28
5.1. RECOMENDAÇÕES PROCEDIMENTAIS DE SEGURANÇAS DO TRABALHO E HIGIENE. ...	29
5.2. RECOMENDAÇÕES PROCEDIMENTAIS DE LIMPEZA E ACONDICIONAMENTO EM LABORATORIO	31
5.3. POR QUE RETIRAR, ACONDICIONAR E NÃO CONTRIBUIR COM AS INFORMAÇÕES? ..	33
6. DISCUSSÕES - REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS: SALVAGUARDA E A COMUNICAÇÃO PATRIMONIAL	36
7. CONSIDERAÇÕES	45
8. REFERÊNCIAS.....	48

RESUMO

O presente trabalho trata sobre os remanescentes ósseos humanos encontrados no Sítio Hatahara, onde apresenta uma discussão sobre a forma de acondicionamento desses materiais tanto em sítio quanto em laboratório e a importância do processo de curadoria para a conservação, socialização e pesquisas. Uma vez que esses materiais precisam ser assegurados e protegidos de acordo com as Legislações Brasileira que rege o direito de que todo material coletado em campo deve ser acondicionado em lugares recomendados.

Palavras-Chaves: Sítio Hatahara, Remanescentes ósseos humanos, Curadoria

ABSTRACT

The present work deals with the human bone remnants found in the Hatahara Site, where it presents a discussion about the way of conditioning these materials both in the site and in the laboratory and the importance of the curation process for conservation, socialization and research. Since these materials need to be secured and protected in accordance with the Brazilian Legislation that governs the right that all material collected in the field should be packed in recommended places.

Keywords: Hatahara site, Human bone remnants, Curation.

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da história e das implicações que esta tem na atualidade faz-se necessário à medida que as repostas dos conflitos presentes poderão ser descortinadas com a mesma. Não obstante a essa premissa há de se observar também o fascínio do homem pelos estudos do passado de modo que comece a trazer clareamento sobre sua própria razão de existir.

Tal anseio se desenvolve em todas as áreas do conhecimento, vislumbrando um importante canal de estudos, investigações e questionamentos sobre as origens, o conhecimento, e as mudanças ocorridas ao longo das civilizações. Nesse ponto os estudos da arqueologia são notórios e essenciais pela capacidade de ir além da pesquisa sociológica, mas de fato no material depositado pelas sociedades antigas, registro ainda vivo das suas formas de convivência, relações de poder e culturas.

Na década de 1950 Betty Meggers e Clifford Evans vêm para o Amazonas testar o modelo de Steward (1948) que interpretam a monumentalidade dos sítios e a sofisticação das cerâmicas como exógenas, cultura vinda dos Andes.

Arqueologia Amazônica nessas duas últimas décadas ganhou destaque em vários aspectos, possibilitando o avanço nas pesquisas arqueológicas, onde dialogava o dilema das condições do solo Amazônico. Esses estudos apontavam para uma discussão entre o solo e os artefatos encontrados na região, gerando dados para as pesquisas futuras.

Conforme Megges (1989) o solo Amazônico apresentava uma pobreza de evidências arqueológicas, onde encontrava-se somente vasos cerâmicos sem contextualização. No que diz respeito a testemunhos, como por exemplo, moradias, ferramentas, armas, recipientes, adornos e materiais orgânicos, seriam materiais quase impossíveis de se encontrar, devido o solo não apresentar condições para a preservação desses materiais, em razão da sua umidade de solo tropical.

O trabalho de reconstrução das características e distribuições das culturas pré-históricas na Amazônia é prejudicada devido a pobreza das evidências. Moradias, ferramentas, armas, recipientes, vestuários e ornamentos feitos de materiais orgânicos se destroem rapidamente nas úmidas condições tropicais. Os objetos de pedras, por sua vez são escassos demais para fornecer informações confiáveis sobre a cronologia e distribuição (MEGGERS, pág., 183, 1990).

Megges afirmava que seria quase impossível encontrar material orgânico nos Sítios Arqueológicos na região norte.

Relativamente aos estudos apresentados, os pesquisadores Betty Megges e Clifford Evans definem dois padrões de assentamentos, para o ambiente de floresta tropical. São eles: terra firme e várzea. A autora do artigo Betty Megges, generaliza várzea com a terra firme, onde afirma que seriam impossíveis os grupos indígenas viverem do plantio e da pesca ou de quaisquer outras atividades desse habitat.

Referente às últimas décadas o avanço das pesquisas arqueológicas revelaram haver uma diversidade no que diz respeito à dinâmica do modo de vida dos grupos étnicos, distinta da que Megges propunha para o solo da Amazônia. As informações chegam a partir de documentos sobre as possíveis ocupações na região, relacionadas a artefatos e compreendendo antigas práticas associadas ao contexto em que se encontram.

Neste sentido o trabalho que mais se destacou nos últimos anos foi o de Eduardo Góes Neves (2012). Ele e sua equipe engajados no “Projeto Amazônia Central” (PAC) tiveram como objetivo confirmar ou não os modelos de pesquisa como propostos por Megges (determinismo ecológico) e como o proposto por Donald Lathrap (modelo cardíaco). Ele conclui (2012:285) que a abundância e não a escassez deve ser o novo norte teórico que deve dirigir as futuras pesquisas na Amazônia.

Qual a importância de supracitadas informações sobre o trabalho de Neves e a nossa pesquisa? É que dentro os sítios pesquisados Hatahara estão

entre os que mais informações arqueológicas forneceram e de onde vieram os restos ósseos humanos da fase Paredão.

1.1. MARCO TEÓRICO

As retiradas dos acervos remanescentes ósseos humanos dos sítios arqueológicos chamam atenção dentro dos contextos dos sítios escavados, é notória a falta de cuidado com os acervos existentes (LESSA: 2011).

Ao visitarmos o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Amazonas verificou-se que os remanescentes ósseos do Sítio Arqueológico Hatahara estavam estocados salas ou caixas de isopores, quando na verdade o arqueólogo tem como responsabilidade após a retirada dos ossos proceder com um estudo devidamente pautado com as informações advindas do trabalho de campo.

Os envolvidos em uma escavação terão que ter um conhecimento básico sobre os remanescentes ósseos humanos para que não aconteça à perda de informações precisas ou até mesmo do material, tanto na retirada como no acondicionamento. Ora tal cuidado permitiria de acordo com Bezerra e Silva (2009:124) não apenas “servir à ciência, mas cumprir com seu papel educativo que é fornecer informação/formação de alunos e pesquisadores, bem como comunidade em geral”.

O estudo do remanescente ósseo humano trata-se de material palpável acompanhando de ricas informações envolvendo um estudo de campo nos permitindo uma investigação profunda em saber tipos de populações.

“[...] Os remanescentes humanos- entendidos como interferentes no corpo estratigráficos dos sítios, mas também como elementos sujeitos às interferências do contexto- são tanto norteadores da construção como identificadores dos processos subsequentes de transformação, e como tal devem ser tratados. Sinalizadores de eventos, pontuais e sistêmicos, os remanescentes de corpos humanos ajudam a “ler” o sítio em detalhes, que podem não ser percebidos de outra forma. (SOUZA 2003 apud SOUZA *et al.*, 2013 pág.555)

Mediante o relato dos autores verifica-se ser necessário um olhar sobre esses remanescentes ósseos humanos no que toca as práticas osteológicas dentro do contexto arqueológico, pontuando as informações necessárias entre a salvaguarda e conservação, socialização e pesquisas elencando uma evolução de educação patrimonial, dando a destaque a esses testemunhos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Todo acervo Arqueológico precisa passar por uma curadoria para reconhecimento do material que ira servir de estudos ou exposto aos museus. Conforme afirma Lessa (2011) pouco se tem discutido formalmente sobre o desenvolvimento e aplicações de curadorias voltadas para os remanescentes ósseos humanos, quando na verdade merecem uma atenção significativa voltada para curadoria e conservação visto que os remanescentes ósseos são tão importantes quanto à cerâmica, os tesos e as paisagens antropizadas.

Considerando que a portaria do IPHAN nº 230/2002 foi revogada pelo Art. 62 do capítulo VI da INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2015, onde no capítulo V Art. 51 - que trata da responsabilidade da conservação dos bens arqueológicos, - estabelece de maneira claríssima que é responsabilidade do Arqueólogo Coordenador a conservação dos bens arqueológicos durante a etapa de campo e da Instituição de Guarda e Pesquisa, após seu recebimento” (INSTRUÇÃO NORMATIVA, 2015:17 – 18).

Diante do exposto vê-se necessário a realização de uma pesquisa com o viés proposto nesse trabalho em razão de verificarmos as condições dos remanescentes ósseos humanos provindos do Sítio Arqueológico Hatahara.

Outra razão para esta empreitada encontra-se naquilo que já prefaciamos acima, ou seja, os restos ósseos humanos contêm informações tanto quanto qualquer outro material coletado numa escavação. Apesar de não irmos realizar nenhuma intervenção de curadoria justifica-se nosso trabalho no sentido de prover informações mais detalhadas sobre as condições dos

remanescentes para que em futuros trabalhos possamos figurar como uma fonte de pesquisa.

Por fim justifica-se a pesquisa pela curiosidade despertada numa visita técnica ao Laboratório da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) quando na ocasião me deparei com que sem querer com os restos ósseos humanos do Sítio Hatahara. Mesmo não tendo precisão naquilo que observava pude notar que o acondicionamento dos respectivos ossos não condiziam com os aspectos teóricos que estava tendo conhecimento durante o curso. Diante de tal situação logo surgiu o questionamento indagando-o se aqueles remanescentes estariam ou não devidamente acondicionados.

1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

Considerando que todo estudo científico não possui a pretensão de esgotar as possibilidades, se faz necessário um estudo teórico sobre o remanescente ósseo do Sítio do Hatahara. Sabe-se que supracitado sitio teve quatro ocupações, - Açutuba, Manacapuru, Paredão e Guarita (RAPP PY-DANIEL, 2009:26), no levantamento bibliográfico da pesquisa apontam que somente na fase paredão houve sepultamento sem urnas, pelo que constatamos em entrevista há quinze indivíduos acondicionados na reserva técnica do Laboratório de Arqueologia da UFAM que não receberam tratamento de curadoria. Em razão desta problemática pergunta-se: “Por que a curadoria destes quinze indivíduos não foi realizada de maneira completa?”.

2. Objetivo Geral

Mostrar que há necessidade de fazer todo o processo de curadoria em qualquer material arqueológico para um bom acondicionamento no laboratório, principalmente no que tange o material osteológico.

2.1. Objetivos Secundários

- ✓ Descrever as características e condições do Sítio Arqueológico Hatahara;
- ✓ Expor a pesquisa de Lima (2011) realizada no local;
- ✓ Pontuar como foi feito o acondicionamento do material osteológico no laboratório;
- ✓ Verificar o tratamento dos remanescentes acondicionados;
- ✓ Recomendar a maneira correta de segurança do trabalho higiênico;
- ✓ Questionar a retirada dos remanescentes ósseos humanos do sítio Hatahara;
- ✓ Estimular atividades preservacionistas e conservação dos remanescentes ósseos humanos arqueológicos;

3. METODOLOGIA

A abordagem impressa nesta pesquisa foi de caráter indutivo e de viés qualitativa e dirigiu-se em torno dos seguintes passos:

- ✓ Foram reunidas as referências em torno do objetivo de pesquisa;
- ✓ Foi Elaborado questionário e feita entrevista;
- ✓ Foi Realizado pesquisa de campo no Laboratório da Universidade Federal do Amazonas;
- ✓ Foi Elaborado debate teórico para incentivar novas pesquisas em torno dos remanescentes ósseos humanos da fase Paredão;

Em síntese a presente pesquisa consta de apenas dois capítulos.

Inicialmente fornecemos características gerais do Sítio Hatahara pontuando sua localização, e as fases arqueológicas encontradas.

3.1. SOBRE O SÍTIO HATAHARA: PESQUISA, CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES.

3.2. PESQUISA RECENTE

Helena Pinto Lima e Eduardo Góes Neves produziram em parceria a pesquisa ora considerada. Ela é arqueóloga, pesquisadora adjunta do Museu Paraense Emílio Goeldi e atualmente mantém vínculo com a Universidade Federal do Amazonas como pesquisadora associada ao Museu Amazônico e professora da Licenciatura Indígena, Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável.

Possui doutorado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo MAE/USP (2008). Atuou como coordenadora da graduação em arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas UEA (2009-2010) e como professora visitante no programa de Pós-graduação em antropologia social na Universidade Federal do Amazonas PPGAS/UFAM (2010-2012). Mantém colaborações com diversas instituições de ensino e pesquisa na região amazônica.

Neves é doutor em arqueologia pela Universidade de Indiana (EUA) e professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e do programa de pós-graduação em arqueologia da mesma faculdade. É também professor do programa de pós-graduação em arqueologia na Universidade do Centro da Província de Buenos Aires, na Argentina e, recentemente, defendeu tese apresentada como pré-requisito para o “Concurso de Título de Livre-Docente” da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2012 (NEVES, 2012:4).

Na introdução os autores, fazendo menção do PAC – Projeto Amazônia Central – dizem que o presente artigo possui como foco reavaliar os trabalhos nas décadas de 1950 – 1970 na região amazônica. Assim, o artigo se dedica “a apresentar especificamente os resultados de análises cerâmicas desenvolvidas no âmbito de uma tese de doutoramento ligada ao PAC” focando-se nos

“materiais da tradição cerâmica denominada Borda Incisa” com vistas a possibilitar discussões sobre uma territorialidade mais ampla desta tradição tecnológica.

Dentre outros aspectos o exórdio fala sobre o trabalho de Peter Hilbert na Amazônia Central e a identificação e caracterização do registro arqueológico encontrado que serviu como paradigma metodológico para a realização do trabalho em pauta. Esta caracterização girou em torno do estabelecimento de uma tradição denominada por Hilbert como Barrancóide, posteriormente denominada por outros teóricos por Borda Incisa. Dentro desta tradição Hilbert denominou duas fases: Manacapuru e Paredão.

A presente pesquisa, neste aspecto, inovou apenas na caracterização de uma nova fase intitulada de Açutuba que possibilitou uma reavaliação da cronologia proposta por Hilbert, reavaliação esta que teve por base uma “série de datações radiocarbônicas”.

A proposta do artigo consiste em “oferecer um quadro descritivo detalhado sobre as cerâmicas encontradas na Amazônia central na confluência dos rios Negro e Solimões relacionadas à tradição Borda Incisa ou Barrancóide”.

Na primeira divisão, a que trata sobre “A escolha dos sítios arqueológicos e a metodologia de análise,” os autores mencionam a localização dos sítios arqueológicos estudados dentro de uma distribuição regional que abrange as margens dos rios Negro e Solimões com uma crono - estratigrafia relacionada às fases Açutuba, Manacapuru e Paredão.

Dizem que a pesquisa foi patrocinada pelo PAC, que os níveis de abordagem aos sítios foram variadas, mas que seguiu sempre a mesma metodologia. Pontuam que o trabalho de campo objetivou “estabelecer o tamanho, densidade e ocupação dos sítios arqueológicos da região,” que nove sítios foram estudados e um total de 7.789 fragmentos cerâmicos foram analisados dentro de uma metodologia analítica que se prendeu em torno dos modos de forma, pasta, decoração e estilo estrutural.

Na parte que trata sobre “As fases cerâmicas” os autógrafos classificam três tipos distintos ligados ao trabalho de Hilbert: Manacapuru e Paredão – tradição Borda Incisa – e Guarita, mais recente e vinculada à tradição Policroma da Amazônia.

Em termos de inovação o trabalho propõe uma nova fase ligada a tradição Borda Incisa/Barrancóide, que é a fase Açutuba. Assim eles perfazem um incursão neste ponto em que oferecem um tratamento meticuloso em torno dos fragmentos cerâmicos encontrados nos nove sítios estudados ligando-os a uma das fases, seja Açutuba, Manacapuru, Paredão ou Guarita. Tal incursão salienta o nível estratigráfico em que os fragmentos foram encontrados, se havia ou não presença de estruturas nos sítios, quais os mais bem preservados, os tipos de vestígios encontrados, os temperos usados na fabricação dos vasos, o tipo de queima, as variações estilísticas e traços diagnósticos em torno de cada fase.

Na parte em que tratam sobre “A Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central” os autores por meio de uma metodologia analítica mostram os tipos de resultados obtidos nos objetos anteriormente supracitados pertencentes a cada fase da tradição Borda Incisa. Tais resultados forneceram dados em torno da escolha e preparo da argila, da maneira que os vasos foram fabricados e o tipo de acabamento que receberam, da estrutura dos potes em torno das decorações recebidas, das artes aplicadas etc. Salientou-se sobre os tipos de cores como marca característica dessa tradição, sobre sua forma que era determinada a partir do serviço que realizaria, bem como informações preciosas foram deduzidas a partir das evidências de uso e desuso presentes nestes artefatos.

Por fim, em suas considerações finais, os autores reconhecem o valor das bases tipológicas lançadas por Hilbert, deixam claro em que o artigo focou-se e o tipo de metodologia que usaram, ressaltando em que seus resultados convergiram com os de Hilbert e em que eles foram além. Concluem apresentando uma excelente definição do que seja uma tradição ceramista.

A obra como um todo está eivada de pontos positivos dentre eles se destaca a capacidade dos autores em fornecer de maneira escrita às

informações obtidas na pesquisa, pesquisa essa riquíssima pelo que se pode perceber a luz dos dados disponibilizados.

Outro aspecto que se sobressai diz respeito ao arrojo dos cientistas em revisarem trabalhos realizados na Amazônia nas décadas de 1950 – 1970, a não se satisfazerem com os resultados de lá veiculados, mas de irem a campo a procura de verifica-los se de fato eram assim, de maneira que como resultado da pesquisa jogaram no “mercado” a descoberta de mais uma fase pertencente à tradição Borda Incisa/Barrancóide, a fase Açutuba. No geral o texto foi bem escrito, o uso dos mapas, das tabelas e dos desenhos cerâmicos enriqueceram ainda mais o artigo.

No entanto, o trabalho peca por não fornecer um léxico que possa explicar os termos técnicos usados na pesquisa, neste ponto o artigo em consideração se assemelha aos demais por nós estudados conotando que procura alcançar apenas um tipo de público que já esteja familiarizado com a ciência arqueológica. Na concatenação dos argumentos notou-se certa confusão, que esta detectada quando se repetia algo que já havia sido desenvolvido tornando o artigo um tanto prolixo. As divisões que organizam o artigo encontram-se um pouco confusa, creio que aquela que trata sobre “A Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central” poderia ser suprimida dentro do ponto que trata sobre as fases cerâmicas.

Por fim lamenta-se o fato de tão arrojada pesquisa não apresentar nenhuma informação consistente sobre os restos osteológicos humanos catalogados na pesquisa do PAC, aliás, sabe-se que muitas urnas funerárias foram exumadas e ao invés de serem referidas como urnas funerárias (RAPP PY-DANIEL, 2016) foram catalogadas como vasos cerâmicos.

Ora não se questiona a capacidade dos referidos pesquisadores, sabe-se, também, que a proposta deles não repousava numa descrição osteológica dos restos humanos, todavia, estranha-se que supracitada pesquisa não dedique mais do que linhas a tais fragmentos tão ricos no que toca a informações arqueológicas.

3.3. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES DO SÍTIO HATAHARA

O sítio Hatahara (AM-IR-13) está localizado sobre um terraço adjacente a uma área de várzea, na margem esquerda do Rio Solimões, no município de Iranduba. A área desse sítio é bastante intensa, com aproximadamente 160m² e foi descoberto no ano 1997, século XX, através das pesquisas realizadas pelo Projeto Amazônia Central – PAC.



Figura 1: Vista aérea de implantação do sítio Hatahara na margem esquerda do rio Solimões. Foto: Eduardo Góes Neves.

Este projeto foi criado pelos pesquisadores Eduardo Góes Neves, Michael Heckenberg e James Petersen. O sítio Hatahara foi impactado por ocupação pré-colonial, com muitos materiais arqueológicos. São exemplos de alguns desses materiais, as cerâmicas, montículos, sepultamentos, urnas e etc.

A área desse sítio se estende no meio de uma fazenda, área de pasto, cultivo de mamão, mandioca e algumas mangueiras, permitindo-nos, portanto, uma grande visibilidade do solo. Tal facilidade é aliada ainda há grande quantidade de terra preta associada a uma alta densidade de material cerâmico em superfície que cobre quase que a totalidade do sítio. (MACHADO, pág.08, 2003).

O sítio arqueológico Hatahara, é conhecido internacionalmente, por sua grande diversidade de materiais arqueológicos. Desde 1999 vem atraindo pesquisadores por sua rica fonte de informações como sítio. Este sítio obteve uma cronologia de quatro ocupações. Rapp Py-Daniel (2009), as definições e distinções dos complexos cerâmicos, foi possível mapear, através análise do material e da estratigrafia das tradagens, as divisões são essas:

Tabela 1

FASE	DATA
Açutuba como um complexo mais antigo, sem relação com terra preta.	Por volta de 300 a.C. a 350 d.C.
Manacapuru, relacionada com cerâmica (Tradição borda incisa) aparentemente também dissociada da terra preta.	Por volta de 550 a 650 d.C.
Paredão, uma ocupação muito mais densa relaciona com cerâmica, associada com à terra preta e construção de montículos.	Por volta de 750 a 1020 d.C.
Guarita, ocupação mais recente e superficial, relaciona com cerâmica e presença da terra Preta.	Por volta de 950 a 1450 d. C.

Até o momento o sítio Hatahara é considerado pelos pesquisadores um sítio multicomponencial, que vem desvendando os mistérios da Amazônia pré-colonial, destacando-se em suas investigações. Foi um sítio que surpreendeu, pela infinidade de informações, trazendo grandes conhecimentos para um melhor entendimento não só da arqueologia, bem como, sobre região Amazônica, superando expectativas.

Os sepultamentos foram à parte surpreendente, algo incomum na Arqueologia da Amazônia Central e também porque a conservação do material raramente permite que os vestígios humanos (ossos) sejam analisados (RAPP

PY- DANIEL 2009, pág3). Com tudo, os estudos desses remanescentes vieram complementar o conhecimento sobre as investigações de uma ocupação pré-colonial.

Conforme RAPP PY – DANIEL (pág. 3. 2009) em sua tese de Mestrado “Arqueologia da Morte no Sítio Hatahara durante a fase paredão”:

O Sítio Hatahara foi o único sítio a céu aberto na Amazônia Central que pôde ser abordado através da perspectiva da arqueologia da morte, da forma como ela é proposta nesse trabalho. Essa sub-disciplina da arqueologia será utilizada para adquirir informações sobre os indivíduos sepultados no local auxiliando a completar o conhecimento sobre as ocupações na Amazônia Central e, possivelmente, sobre as ocupações da Amazônia como um todo.

Diante dos trabalhos empreendidos na Amazônia Central, os pesquisadores Machado (2005) e Rapp Py-Daniel (2009), declaram em suas pesquisas, que os enterramentos no Hatahara eram intencionais em forma de montículos. Juliana Machado apresentou em media dez montículos artificiais dispostos em forma semi-curricular, dois dos quais foram parcialmente escavados; um localizado no ponto central (M.I)¹ e o outro (M.II)² próximo ao seu extremo leste (MACHADO 2005 pg 7). Em 2009 Rapp Py-Daniel também confirma a forma de enterramento – montículos, no sítio em questão. O trabalho dessa autora (RAPP PY-Daniel) comprova que as populações da fase Paredão, como construtores desses montículos, apontam para a presença do homem pré- histórico.

Segundo a antropóloga física Dr^a Sheila Mendonça de Souza, é esclarecido que:

Na maior parte dos casos uma interpretação do sítio é obtida a partir de suas outras evidências, tais como, os aspectos estratigráficos mais gerais e os conteúdos arqueológicos, que

¹ M.I = Montículo I;

² M.II = Montículo II.

forneem a base para estabelecer *a priori*, a hipótese de inserção do achado funerário. A invasão de leitura dos espaços e estrutura funerária para o sítio como um todo parece um procedimento até mesmo pouco usual (Souza, 2003 pág.2).

Entende-se que um sepultamento traz o diálogo entre distintos aspectos e entre outros sepultamentos inseridos no mesmo contexto, onde se poderá determinar o tamanho, a “distribuição geográfica e a densidade da população, suas taxas de crescimento e as proporções de idade ao sexo de grupos já desaparecidos” (SOUZA *et.al*, 2003 apud BEZERRA *et.al*, 2009 pág 123).

O material osteológico dentro do contexto da Arqueologia tem um papel muito importante. Um dos principais pontos não é tão somente o aspecto estratigráfico, mas principalmente contribuir com a história do indivíduo através da investigação do seu achado. Por conseguinte, em diversas situações, as evidências de um enterramento, vão indicar atividades dentro do campo arqueológico.

O comportamento do material ósseo humano, deslocado ou mantido em sua posição original, e sua correlação com os aspectos estratigráficos do sítio permite marcar alterações pós-deposicionais a partir das quais é possível relativizar a interpretação dos demais remanescentes arqueológicos, e dos supostos padrões funerários primários e secundários. (SOUZA, pág. 4, 2003).

Os autores Ivone Bezerra e Hilton Silva em seu artigo (2009) abordam a questão sobre o tratamento dado aos remanescentes ósseos humanos, tanto em campo como em laboratório, para uma leitura mais fidedigna, sobre determinados aspectos bioarqueológicos³:

Por está razão, a conservação e restauração do material ósseo humano, tornam-se importantes ferramentas na reconstituição de aspectos culturais, na discussão da relação homem-natureza e em todos os aspectos da reconstituição pré-histórica (Bezerra e Silva, 2009 pág 123).

³ Estudo dos remanescentes ósseos humanos em contexto arqueológico.

Como todo acervo arqueológico é importante para uma investigação, não é diferente com o material osteológico. A coleta dos remanescentes ósseos terá de ser feita com correto manuseio, e um perfeito acondicionamento, devido a região da Amazônia, ser conhecida pelos seus solos ácidos, onde pouca matéria orgânica se conserva através do tempo (RAPP PY- DANIEL e TAMANAHA, 2009, pág. 67). Dentro deste contexto, a autora que pesquisou o sítio arqueológico Hatahara, confirma que é raríssimo encontrar material ósseo em bom estado de conservação, nessa região. Porém, o estado dos sepultamentos encontrados no sítio apresentavam uma boa conservação.

Anne Rapp Py-Daniel em 2009 segue o viés da pesquisa com definição de conceito da arqueologia da morte. Com isso, vem trazendo questões como, tafonomia, práticas funerárias, e análises de vinte e oito concentrações ósseas (sepultamento e depósito) com aproximadamente trinta e oito indivíduos, pertencente a fase paredão.

4. LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFAM⁴

Em fevereiro de 2015, a turma de arqueologia do município de Manacapuru-AM da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, foi a uma visita ao laboratório de Arqueologia daquela Universidade, sobre a orientação da Dra. Gimima Beatriz Melo. Foi-nos delegado responder alguns questionários relacionado referente à disciplina de antropologia.

O questionário baseava-se no acervo do material existente no laboratório, relacionando a perspectivas de conhecimentos da antropologia. O intuito era saber se o alunado detinha algum conhecimento sobre a questão da construção material dentro de uma visão antropológica.

⁴ UFAM – Universidade Federal do Estado do Amazonas.

No laboratório foram observados que os materiais cerâmicos encontravam-se sobre o acondicionamento, e separados por nomes de sítios e datas. Já com relação ao material osteológico, a sala encontrava-se mal iluminada. O refrigerador era monitorado para oscilar conforme o propósito da programação. As quatro ou cinco caixas de isopores cheias de ossos humanos estavam dispostas umas sobre as outras no chão da sala, sem nenhum tipo de identificação ou procedência, e nenhum tipo de curadoria.

Já em setembro de 2017, em uma entrevista com a arqueóloga da UFAM Ângela Araújo, a mesma explica que a principal dificuldade para além da mão de obra especializada no manuseio da curadoria do material osteológico, seria a forma de acondicionamento desse material. Hoje (2017) o laboratório apresenta condições para um acondicionamento mais adequado desses remanescentes. Situação bem diferente da apresentada em 2015, onde na época o material osteológico não tinha nenhum tipo de tratamento.

4.1. ACONDICIONAMENTO DO MATERIAL OSTEOLÓGICO NO LABORATÓRIO DA UFAM

Os materiais osteológicos que se encontram atualmente no laboratório, não são apenas do Sítio Hatahara, segundo a arqueóloga responsável Ângela Araújo. Entretanto, apesar de não estarem identificados, todos possuem fichas e relatórios provenientes das pesquisas arqueológicas, e não há caso de doações.

Mesmo com alguns avanços tecnológicos e de bens de consumo adquiridos pelo laboratório, não há curador/bioarqueólogo ou um profissional com experiência para manipular esse tipo de material. Isso foi a justificativa dada para que menos de 50% do material existente no laboratório da UFAM fosse curado (de 2008 a 2017).

4.2. TRATAMENTO DADO AOS REMANESCENTES ÓSSEOS ACONDICIONADOS NO LABORATÓRIO DA UFAM⁵

Os materiais osteológicos que passaram pelo tratamento de curadoria, foram manipulados da seguinte maneira:

1. Foram limpos a secos;
2. Acondicionados em EPE⁶; e
3. Dispostos em outra caixa de dureza mais consistente;
4. Cobertos com TNT⁷ de cor branca;
5. Numerados com os respectivos números de proveniência.

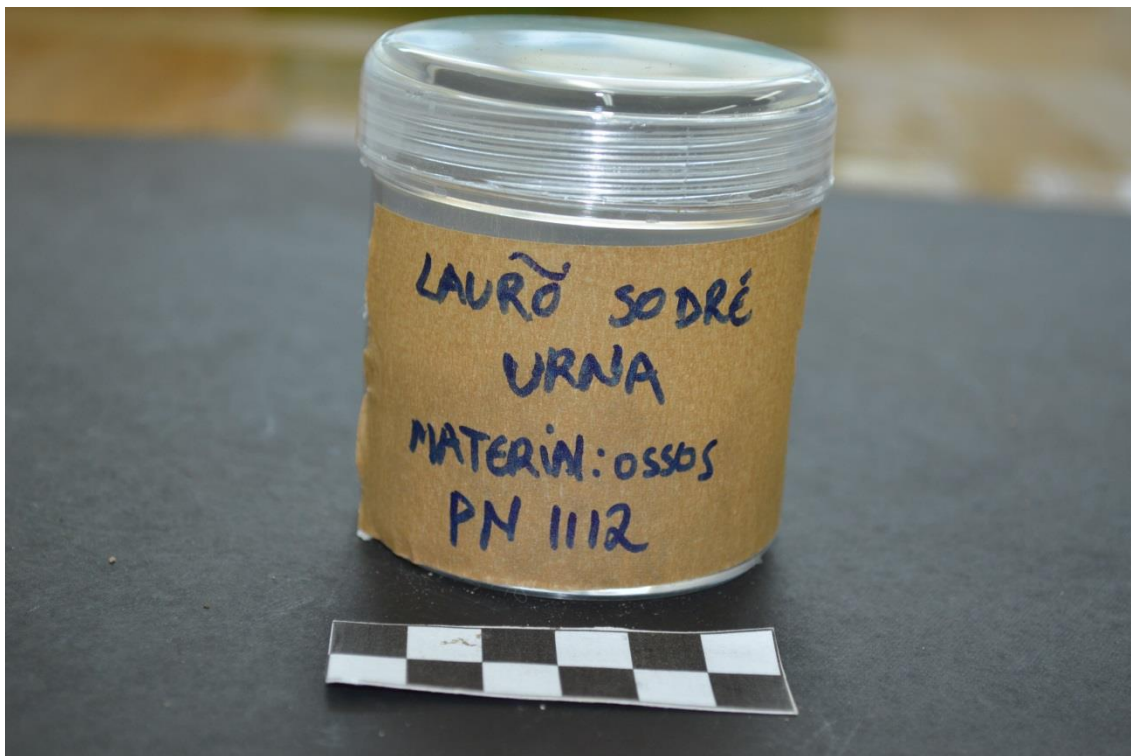
4.3. FOTOS DOS MATERIAIS OSTEOLÓGICOS ACONDICIONADOS NA RESERVA TÉCNICA UFAM.

Materiais osteológicos do Sítio Lauro Sodré, retirados das urnas funerárias do Projeto Gasoduto Coari-Manaus, acondicionado na reserva técnica UFAM.

⁵ Informação cedida pela arqueóloga Ângela Araújo em 16/09/2017.

⁶ Espuma de polietileno

⁷ Tecido Não Tecido



2. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Acervo Gascoma.



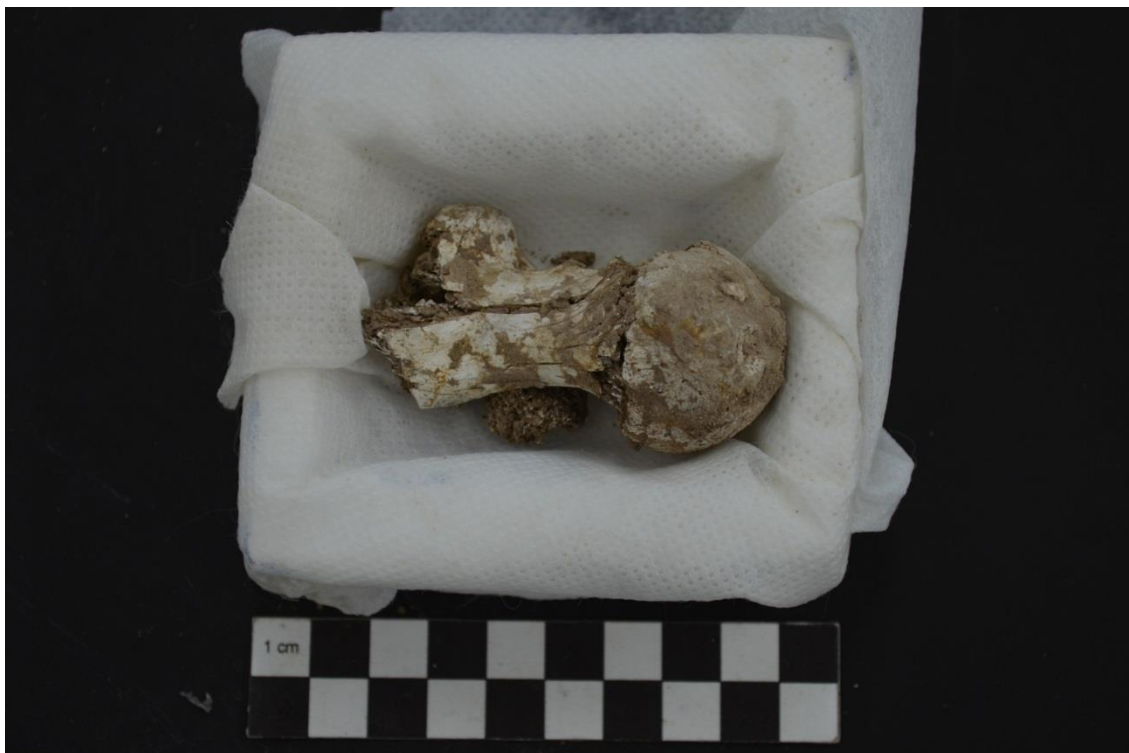
3. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Gascoma.



4. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Gascoma.



5. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Acervo Gascoma.



8. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Acervo Gascoma.



7. Fonte: Laboratório UFAM; Projeto Gasoduto Coari-Manaus; Acervo Gascoma.

Segue a tabela com os nomes dos sítios arqueológicos, localização e quantidade dos remanescentes que estão sob guarda do laboratório da UFAM.

Tabela 2

SÍTIOS	LOCALIZAÇÃO	QUANTIDADES
Hatahara	Irاندوبا-AM	15 indivíduos
Grêmio	Manacapuru-AM	Informação não cedida*
Jauary	Itacoatiara-AM	Informação não cedida*
Lauro Sodré	Coari-AM	Informação não cedida*
Japim	Manaus-AM	Informação não cedida*
Praça Dom Pedro	Manaus-AM	Informação não cedida*
Caldeirão	Irاندوبا-AM	Informação não cedida*

*A responsável pelo material arqueológico informou que se encontrava sem acesso as fichas de catalogação.

A bioantropóloga Dr^a Andrea Lessa (LESSA, 2011) aborda a questão da guarda dos materiais em instituições de apoio, partindo do ponto de vista, que do momento em que esses materiais dão entrada na instituição responsável, estes também são responsáveis pela salvaguarda desses materiais (LESSA 2011, pág. 5).

Mesmo que o material osteológico tenha sido removido do seu local de origem, o mesmo possui um valor inestimável, como conhecimento, pois trás consigo um conjunto de informações, garantindo a restauração e a conservação dos aspectos culturais. É necessário haver um programa relativo a curadoria, para que haja reparação ao estado do material osteológico, para que não venha acontecer a deterioração ou até mesmo a destruição do acervo.

5. PARA UM BOM ACONDICIONAMENTO EM RESERVA TÉCNICA

A composição do osso é orgânica e inorgânica: a orgânica fica no interior, encontramos fibras, colágenas, a medula óssea vermelha, que é responsável pela produção de células do sangue e da medula amarela. Já na parte inorgânica é encontrada revestida parte orgânica, que é formada por minerais, por isso devem ser conservados em lugares que não comprometa sua estrutura e durabilidade.

O curador ou o profissional que for fazer a curadoria ou manipulação da coleção osteológica tem que ter o conhecimento das características físicas do material, bem como da variação climática ou microclima para um bom acondicionamento do mesmo (GÜCHEN, 1984 apud BEZERRA e SILVA, 2009, pág. 132). O curador deverá ter cuidados especiais, para preservar as informações contidas nos materiais ósseos encontrados nos sítios, para futuras análises, e/ou construção de pesquisas.

Segundo autora Fernanda Maia (2014), pontua que as ações humanas geram uma reação, tanto para o lado positivo quanto para o negativo, desta maneira afirma que as manifestações encontradas pelos os arqueólogos são passíveis contextualizações de materiais físicos e químicos ficam em contexto com a arqueologia, destacando os remanescentes ósseos humanos.

A vida exige que se aprenda, considerando que toda ação gera uma reação, positiva ou não, a assimilação da mesma gera experiência de aprendizado. O conhecimento do perigo, por exemplo, assegura a vida em muitos casos, de modo que aprender sobre o passado garante que o presente alcance o futuro. Essa é uma das importâncias que tange a arqueologia, ou seja, o conhecimento e a busca deste, não só por efeito de curiosidade, pelo contrário, mas pela compreensão dos eventos da trajetória humana. (MAIA 2015 Pág.26)

A arqueologia traz um leque de informações através de suas investigações, interpretando dados de uma sociedade pretérita, dando

viabilidade à sustentação a histórica contada através dos vestígios arqueológicos.

5.1.RECOMENDAÇÕES PROCEDIMENTAIS DE SEGURANÇAS DO TRABALHO E HIGIENE.

A pesquisadora Okumura (2015) destaca a importância de curadoria⁸ e suas técnicas necessárias para um o uso adequado dos remanescentes ósseos humanos, usados para as necessárias pesquisas acadêmicas. Sua experiência como pesquisadora- curadora da Coleção Duckwoerth da Universidade de Cambridge traduz a dedicação e zelo pelo manuseio destes instrumentos técnicos de higiene e saúde, além de agregar do valor ético quanto ao manuseio destes remanescentes.

Ainda segundo Okumura (2015) “no Brasil, a preocupação com as questões de higiene e segurança é ainda bastante incipiente”, o que remota a análise da situação do objeto da presente pesquisa, no que concerne ao laboratório da Universidade Federal do Amazonas, que foi apresentado acima as condições de trabalho, segurança e higiene.

Quando se tem por objeto de pesquisa o homem, este deve ser respeitado em sua dignidade não somente em vida, mas também nos restos que ali guardam valores de cunho sentimental à família e à sociedade. Tal envolvimento deve ser considerado quando se deseja manusear material osteológico, no sentido de se manter padrões éticos e de uso, observando os requisitos legais, quando inexistentes, e associados se existirem, os morais, religiosos e culturais.

Recomendado por Okumura (2015), os seguintes procedimentos de segurança:

⁸ “O termo curadoria refere-se à gestão e prática de todas as etapas do processo de conservação e guarda de coleções museológicas, a partir do momento em que elas dão entrada na instituição responsável por sua salvaguarda”(Lessa 2011 pg4).

“É de responsabilidade de o indivíduo garantir que suas ações não ponham em perigo sua segurança e as dos outros membros do laboratório”.

- *Em caso de uso de qualquer equipamento, é necessário que o indivíduo tenha entendido como operá-la corretamente, a fim de evitar dano a si próprio, aos outros membros de e ao aparelho.*
- *O uso de avental de laboratório é sempre recomendado por motivos higiênicos. O avental deve ser removido ao sair do laboratório, o mesmo sendo válido para luvas.*
- *Óculos de proteção e máscara devem ser usados quando houver risco de danos aos olhos e ao aparelho respiratório, respectivamente.*
- *Não deve ser permitido fumar, comer ou beber no laboratório, tão pouco se deve usar uma geladeira ou freezer para guardar alimentos ou bebidas.*
- *Evitar trabalhar fora do horário de expediente ou funcionamento do laboratório. Se isso for necessário, garantir que um responsável tenha o conhecimento disso e que seja informado o horário de entrada e saída do laboratório.*
- *Indivíduos trabalhando no laboratório devem familiarizar-se com a localização do kit de primeiros socorros, alarmes de incêndios, extintores e saídas de emergência.*
- *É de reponsabilidade de todos que trabalham no laboratório em mantê-lo limpo e organizado, jogando no lixo quaisquer instrumentos descartáveis.*
- *Evitar deixar aparelhos ligados durante a noite.*
- *Não deve ser permitida a entrada de crianças no laboratório.*
- *Aumentar a atenção com o uso de escada e estantes móveis, assim como com a movimentação de caixas contendo materiais arqueológicos ou equipamentos.*
- *Incidentes e acidentes devem ser comunicados a fim de reavaliar os riscos associados a determinadas atividades ou o uso de equipamentos.*
- *Não tentar consertar equipamentos eletrônicos.*
- *A iluminação e ventilação devem ser adequadas para manter um ambiente de trabalho confortável.*
- *A localização dos equipamentos, assim como as cadeiras, devem ser atender às necessidades ergonômicas dos indivíduos.*
- *Gestantes e indivíduos com limitações físicas e temporárias devem reavaliar os riscos associados às atividades de rotina no laboratório (pág. 214,215).*

Deste modo, o profissional deve ter todo o cuidado e o conhecimento das práticas exigidas para não colocar sua vida em risco, tão pouco as coleções manuseadas em laboratório.

5.2. RECOMENDAÇÕES QUANTO A LIMPEZA E ACONDICIONAMENTO EM LABORATORIO

A respeito da limpeza e acondicionamento dos remanescentes ósseos humanos, manuais publicados no exterior que oferecem diretrizes importantes, segundo Okumura (2015), mas deve-se destacar Neves (2008) e Lessa (2011) a contribuir para este tema no Brasil.

No contexto de uma coleção, a limpeza, procedimento de restauração e acondicionamento é essencial, pois isso depende a preservação do material e as informações que destas se extrairão para a alimentação do conhecimento a respeito do objeto de pesquisa.

Neste sentido, Okumura (2015) faz as seguintes recomendações a respeito desta temática, considerando as recomendações inglesas e estudos brasileiros dos autores aqui mencionados:

- Utilizar uma mesa (ou bancada) para cada esqueleto a ser limpo e restaurados, de modo a evitar a mistura acidental de partes de dois ou mais indivíduos.
- Apesar de iluminação e ventilação serem essenciais para manter a salubridade do ambiente, recomenda-se evitar sol ou vento diretamente nos ossos (Neves, 1988, apud, Okumura, 2015).
- Limpeza dos esqueletos deve levar em conta o potencial desses estudos mais modernos como técnicas microscópicas (como a análise de cálculo dental) ou moleculares (como estudo do DNA antigo).
- No caso de esqueleto fragmenta que precisam ser restaurados, recomenda-se a organização por região anatômica e lado, ou seja, organizar de forma separada os fragmentos de crânio, ossos longos, pés e mãos, costela e os fragmentos não identificados.
- Após a restauração, devem-se numerar as partes do esqueleto, a fim de que possa ser identificado mesmo que ocorra a perda de etiquetas ou seu acondicionamento em local equivocado.

- Uma fina camada de esmalte incolor deve preceder à marcação com nanquim preto e, posteriormente à marcação, outra fina camada de esmalte incolor deve ser aplicada (Neves, 2013 apud, Okumura, 2015).
- A numeração deve ser feita na superfície externa, evitando-se fragmentos terminais (que podem se fragmentar e perder) e evitando-se também partes anatômicas importantes para algumas análises: orifícios, inserções musculares e facetas de articulação (Neves, 1988; Lessa apud Okumura, 2015).
- No caso do acondicionamento de materiais esqueléticos, cada unidade óssea (ou conjunto de uma dada unidade) deve ser mantida separadamente em um saco plástico externamente (Neves, 1988, apud, Okumura, 2015).
- No caso de materiais que tenham sofrido ataque biológico (como fungos), após a limpeza adequada, sugere-se um monitoramento periódico dos estados de preservação dos mesmos (no caso de muitos materiais afetados, pode ser feito o sorteio de alguns poucos espécimes a serem verificados).

A esse respeito LESSA (2011) também traz contribuições que faz necessário destacar no sentido do aprimoramento científico do manuseio de material osteológico por meio do pesquisador, a saber:

- Quanto à adequação do local de trabalho: a esse respeito destaca o autor que as coleções arqueológicas são manuseadas a partir de três perspectivas, são elas a curadoria inicial, quando esta chega do campo, a osteológica e preventiva – que irá prever o monitoramento do manuseio e do material a ser utilizado de forma a garantir o êxito do e estabilidade do material. Os laboratórios devem ser locais específicos para e apartados das demais atividades para se evite intervenção estranha seja ela de qualquer origem que das demais atividades para se evitar intervenção estranha seja ela de qualquer origem que prejudica a idoneidade do material a ser analisado. “As mesas/bancadas de trabalho devem ser forradas com mantas de polietileno expandido de 3,0 mm a fim de minimizar impactos mecânicos durante o manuseio do material”.
- “Cada mesa deve ser considerada uma unidade de trabalho, provida com iluminação adequada e instrumentos básicos, além de conter apenas um esqueleto, o qual deve ser processado por uma única pessoa”.
Vale destacar como comparativo o procedimento recomendado por OKUMURA (2015), acima, quanto às mesas.

Face ao exposto, tanto Okumura quanto Lessa tem a preocupação e o cuidado na realização do manuseio dos materiais osteológicos para que não se haja perdas de informações, bem como os materiais não sejam deteriorados.

5.3. POR QUE RETIRAR, ACONDICIONAR E NÃO CONTRIBUIR COM AS INFORMAÇÕES?

De diferentes formas podemos olhar para os vestígios arqueológicos, porém quando nos deparamos com um contexto de remanescentes ósseos humanos os desafios em resgatar a história de quem não está, mas aqui, recai sobre um diálogo entre o pesquisador, o sítio arqueológico e os ossos nele sepultados. Coletar, identificar e manter acervos sob boas condições nos laboratórios, são ações fundamentais, que garantem análises mais fidedignas, caso o acervo encontre-se com boa preservação (FORTUNA, POZZI e CÂNDIDO, 2001, pg. 8), para que haja a contribuição do saber e construção de memórias humanas e culturais.

“..as pesquisas arqueológicas tem tradicionalmente se firmado numa tendência à divulgação de seus resultados nos meios acadêmicos por meio de congressos e publicações científicas, de formas que os arqueólogos, não raramente, restringem a comunicação dos resultados dos trabalhos aos seus pares”. (FORTUNA, POZZI e CÂNDIDO 2001 pg 9).

Afinal todo esse compromisso serve para todos os acervos arqueológicos, porém, neste trabalho a pesquisa é voltada para os remanescentes ósseos humanos, que é tão importante quanto os outros vestígios.

Rapp Py-Daniel (2016), em seu trabalho utilizou um dialogo diretamente com a antropologia, principalmente com a etnologia ameríndia e a história indígena, no entanto essa conversa não poderia acontecer sem os olhos da arqueologia, procurou-se diferenciar pratica/gestuais dentro do

contexto arqueológico, dando auxílio a definir os conjuntos culturais, linguísticos ou geográficos, e tudo isso através dos sepultamentos.

A autora Rapp Py-Daniel optou por enfatizar algumas reflexões sobre práticas funerárias na região amazônica, pela importância das dinâmicas escritas através dos sepultamentos.

Apesar do grande número de urnas funerárias descritas para Amazônia desde o século XIX, pouco se conhece sobre as práticas funerárias da região, pois os vasos contendo sepultamentos humanos foram maior partes das vezes tratados, analisados e catalogados como artefatos cerâmicos, sem que o contexto funerário fosse considerado (RAPP PY-DANIEL 2016 pg 88).

Mediante a isso, é notória a falta de conhecimento e interesse de alguns pesquisadores em relação ao material osteológico, tanto referente às urnas, quanto fora, enterrados nos sítios arqueológicos, pois os sepultamentos são acompanhados de ricas informações, onde envolve um estudo de campo, que nos permite uma investigação responsável pela compreensão de vários aspectos desses remanescentes.

No entanto, para que sejam retirados e catalogados os fragmentos ósseos é necessário que o profissional tenha o olhar identificador tanto para as urnas quanto para o material osteológico mantendo um cuidado no manuseio durante a retirada e no momento do acondicionamento, para que esses materiais não sejam caracterizados como artefatos cerâmicos e não sejam deteriorado.

Conforme IBAÑES *apud* BEZERRA et al. (pag. 128, 2009), o tratamento inicial do material esquelético em campo considera que:

1. Deve se restringir a restauração às colagens estritamente necessárias.
2. Caso haja necessidade de consolidação do material, não colar objetos úmidos, pois os adesivos pode não secar

apropriadamente, fazendo com que as junções fiquem fracas e se desfaçam.

3. Usar sempre adesivo reversível, que possa ser facilmente removido.

4. Manter as mãos sempre limpas para não sujar a superfície do objeto e antes da aplicação do adesivo no material, limpar cuidadosamente as bordas a serem coladas.

5. Evitar o excesso de cola e caso aconteça da cola “vazar”, deixar secar até ficar plástica, e depois, esfregá-la gentilmente com os dedos ou raspar suavemente com uma espátula ou bisturi.

Este trabalho requer atenção e cuidados minuciosos para não agredir ou danificar as peças, por isso a importância do conhecimento do profissional arqueólogo.

O acesso à informação por meio da divulgação e exposição se faz necessário a medida que o conhecimento tem o poder de desmistificar conceitos a respeito do manuseio do material osteológico, quebrando paradigmas e abrindo portas de acesso aos materiais que podem em muitos casos não se ter acesso em virtude de desconhecimento do fim que se deseja ao retirar de seus locais de sepultamento.

Segundo Silva & Calvo (2007) “o encontro de restos humanos no contexto de uma escavação gera o interesse entre arqueólogos, antropólogos e biólogos, podendo resultar na produção de conhecimento arqueológico sobre a morte.” Afirma ainda que essa categoria de vestígio está ligada à presença de sepultamentos humanos, estruturas complexas que envolvem vestígios de cultura material relacionados às práticas funerárias que, por sua vez, vinculam-se ao fenômeno morte e suas implicações sócio-culturais, étnicas, religiosas, políticas, econômicas, psicológicas, de territorialidade, de subsistência, ambientais, naturais, individuais e simbólicas.

6. DISCUSSÕES - REMANESCENTES ÓSSEOS HUMANOS: SALVAGUARDA E A COMUNICAÇÃO PATRIMONIAL

A arqueologia é o estudo do comportamento humano, baseado em vestígio materiais e em suas contextualizações culturais, sendo assim, é um modelo de cultura material. São diversas as contribuições dentre suas muitas áreas de atuação, relacionado aos estudos de remanescentes ósseos, é de extrema relevância para informação científica, pois tratam da reconstrução de comportamentos, condições, padrões do contínuo processo de algo pretérito que esteve ali e deixou de existir. (BRUNO, 1999; PEREIRA 2012)

O semblante legalista do patrimônio e sua salvaguarda tem se construído de forma contínua, o que reflete na arqueologia como disciplina e no sentido curatorial. E acompanhado de questões transdisciplinares, buscam a conservação da cultura material enquanto bem cultural (PEREIRA, 2012). Martins (2000) levanta diversas questões a respeito da proficiência dos materiais arqueológicos encontrados e sobre quem deve recair a responsabilidade de preservação e salvaguarda.

A Constituição Federal dos Estados Brasileiros de 18 de setembro de 1946, em seu art. 175, afirma que as obras, monumentos e documentos de valor histórico, artístico e os monumentos naturais ficam sob a proteção do Poder Público. Baseada nisso Lei 3.924 de 26 de julho de 1961 decreta em seus artigos:

Art 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal.

Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não

especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.

b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;

c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;

d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

Art 3º São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisadas respeitadas as concessões anteriores e não caducas.

Art 5º Qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos monumentos a que se refere o art. 2º desta lei, será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais.

Art 7º As jazidas arqueológicas ou pré-históricas de qualquer natureza, não manifestadas e registradas na forma dos arts. 4º e 6º desta lei, são consideradas, para todos os efeitos bens patrimoniais da União.

Art 8º O direito de realizar escavações para fins arqueológicos, em terras de domínio público ou particular, constitui-se mediante permissão do Governo da União, através da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ficando obrigado a respeitá-lo o proprietário ou possuidor do solo.

Art 9º O pedido de permissão deve ser dirigido à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, acompanhado de indicação exata do local, do vulto e da duração aproximada dos trabalhos a serem executados, da prova de idoneidade técnico-científica e financeira do requerente e do nome do responsável pela realização dos trabalhos.

Art 12. O Ministro da Educação e Cultura poderá cassar a permissão, concedida, uma vez que:

a) não sejam cumpridas as prescrições da presente lei e do instrumento de concessão da licença;

b) sejam suspensos os trabalhos de campo por prazo superior a doze (12) meses, salvo motivo de força maior, devidamente comprovado;

Art 16. Nenhum órgão da administração federal, dos Estados ou dos Municípios, mesmo no caso do art. 28 desta lei, poderá realizar escavações arqueológicas ou pré-históricas, sem prévia comunicação à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para fins de registro no cadastro de jazidas arqueológicas.

Parágrafo único. Dessa comunicação deve constar, obrigatoriamente, o local, o tipo ou a designação da jazida, o nome do especialista encarregado das escavações, os indícios que determinaram a escolha do local e, posteriormente, uma súmula dos resultados obtidos e do destino do material coletado.

Art 17. A posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado.

A exploração de sítios ou depósitos fossilíferos é determinada pela Lei Nº 4.146, de 4 de março de 1942 que decreta:

Art. 1º Os depósitos fossilíferos são patrimônio da Nação, e, como tais, a extração de espécimes fósseis depende de autorização prévia e fiscalização do Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério da Agricultura.

Parágrafo único. Independem dessa autorização e fiscalização as explorações de depósitos fossilíferos feitas por museus nacionais e estaduais, e estabelecimentos oficiais congêneres, devendo, nesse caso, haver prévia comunicação ao Departamento Nacional da Produção Mineral.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Bruno (1995) conceitua patrimônio como um conjunto dos bens, oriundos das relações entre os homens e os recursos naturais; entre os homens em sociedade e as interpretações elaboradas a partir destas relações. Fortuna (2001) acredita que, apesar de ser um grande desafio, a arqueologia deve assumir sua responsabilidade preservacionista quanto a este patrimônio.

O patrimônio arqueológico é contíguo à cultura material e a conservação deste, essa comunicação, que também é uma responsabilidade

social, possibilita o acesso e contextualização do material. Segundo Guimaraes (2011), o perfil atual da arqueologia é caracterizado por estudos padrões de registros e apontamentos, que submetem à conservação, uma visão sistêmica, que possibilita relações funcionais. Que para Bruno (1999) pende ao conhecimento e domínio de metodologias e técnicas de conservação da materialidade. Segundo Chagas (1999) o sentido da preservação está na dinamização do bem cultural preservado.

Porém, dentre as inúmeras áreas de atividade arqueológica, a bioarqueologia incorpora as informações biológicas de origem humana, através dos remanescentes ósseos e dentários de populações antepassadas, cujo o objetivo é reconstruir comportamentos sociais a partir de um contexto arqueológico.

Levando em consideração o crescimento exorbitante de pesquisas arqueológicas no Brasil, a análise de remanescentes humanos em laboratórios tornou-se prática constante na maioria das coleções, não possui o tratamento devido por falta de profissional. Porém a análise e interpretação de dados não é de fácil incumbência, pois a conformação peculiar das amostras e as inúmeras variáveis tafonômicas, a tornam complexas e demoradas. Carvalho e Queiroz (2005) afirmam que o estudo tafonômico dos remanescentes arqueológicos, suas formações e transformações, elucidam quanto às problemáticas interpretativas, visto que abrange seus vários contextos e padrões culturais afincados às questões paleoambientais.

Segundo Souza (2013), muito embora não haja incompatibilidade entre retirada tecnicamente adequada dos remanescentes dos e a realização das observações necessárias para sua interpretação no contexto arqueológico, deve haver parâmetros que impossibilitem perda de material e, por conseguinte, a limitação do estudo. Para White e Folkes (2005) apud Silva et., al (2016) os métodos e técnicas de laboratório aplicado sobre o material osteológico humano devem incluir a limpeza, restauração, triagem, aquisição e análise métrica, osteologia molecular, moldagem e modelagem, fotografia, radiografia, microscopia, escaneamento e tratamento digital, publicação e curadoria. Lessa (2011) aponta o termo curadoria como a gestão e prática de

todas as etapas do processo de conservação e guarda de coleções museológicas, a partir do momento em que elas dão entrada na instituição responsável por sua salvaguarda.

Segundo Brothwell apud Bezerra et al., (2009), os parâmetros para manuseio, embalagem e transporte de remanescentes humanos devem considerar os processos de limpeza e higienização como requisitos fundamentais. Renfrew e Bahn (1993), afirmam ainda, que análises estratigráficas dos sítios arqueológicos são de suma importância, e devem seguir um contexto espacial e temporal.

Souza (2008) acredita que se faz necessário a gnose de caracterizações congênitas das amostras, isto é, interações entre fatores externos e tendências internas de degradação. Por menores às condições de acondicionamento e armazenamento devem ser considerados umidades, variações de temperatura, poeira e infestações por fungos, ácaros, insetos e sua idiosincrasia fotos sensíveis.

No Brasil é incipiente a preocupação com as questões de higiene e segurança. No que diz respeito à segurança de remanescentes ósseos, Lessa (2011) ressalta a importância da conservação preventiva, e considera dois aspectos a serem observados, a segurança contra acidentes e a segurança contra furtos e vandalismo, acredita ainda, que o acesso ao material deve ser restrito, assistido e justificado. Os critérios podem, e devem sofrer ajustes em função das especificidades que formam o contexto em que o material está inserido, sejam elas de ordem congênita, ambiental ou logística.

Fortuna (2001) esclarece que a preservação não se define somente por coleta, identificação e guarda de acervos, define-se também pela chamada Arqueologia pública, baseada na devolução social destes, o que, para ele, caracteriza um equilíbrio necessário entre salvaguarda e comunicação patrimoniais. A arqueologia deve elencar diversos setores sociais, pois possui um caráter interdisciplinar, que é essencial para a conversação, desta maneira concilia ações de salvaguarda e comunicação. Chagas (1999) acentua a imposição de se relacionar ações de preservar e ceder o conhecimento.

Para estudo de remanescentes ósseos humanos é indispensável, segundo Bruno (1996), analisar o comportamento humano frente a seu patrimônio e estabelecer procedimentos técnicos e científicos capazes de reverter este patrimônio em herança e em elementos constitutivos de identidades. Para Sene (2007) a arqueologia vai além do estudo dos vestígios materiais das atividades humanas, idealiza também, o conhecimento biocultural das populações que a produziram. Prown (1993) acrescenta que o estudo da cultura material envolve compreender cultura, crenças, valores, ideias, atitudes e suposições de uma sociedade em um dado tempo.

O estudo osteológico humano na arqueologia baseia-se nas seguintes ramificações: a da Arqueologia da Morte, que trata do contexto sistêmico e arqueológico apoiado em dados biológicos e culturais dos vestígios das práticas mortuárias; e da Bioarqueologia, com a perspectiva no estudo dos seres vivos em um sítio arqueológico determina à análise científica dos dados biológicos ou “bioculturais”, sob panorama sociobiológico.

Segundo Lima e Rabello (2007), enquanto a arqueologia tinha um determinado limite entre à academia, preponderavam às teses e de suas premissas, e estaria determinada em resguardar todos os acervos, definitivamente passava a ser protegida, com a intensificação dos projetos ambientais os números de acervos em laboratórios aumentaram, direcionando o foco para as reservas técnicas.

Os remanescentes ósseos humanos dentro do contexto arqueológico, capturar seus adereços, a cultura de cada civilização das práticas que o morto vai ser enterrado, no entanto seu contexto analisa e interpretar as características das sociedades através da morte, respondendo qual a opção do indivíduo, qual os ritos e simbologia usada pelo os membros do morto.

Vale destacar a respeito a manifestação de FORTUNA *et al.* (2001):

Para as pesquisas arqueológicas geram, não raro, uma quantidade infindável de material coletado, proveniente de escavações. Mesmo com a atual tendência à utilização de métodos não destrutivos pela Arqueologia (ANDRADE LIMA, 2000), há uma gigantesca parcela do patrimônio arqueológico fora dos seus locais de origem, sob a guarda dos mais diversos

modelos institucionais, mas particularmente, nos museus. E sobre esta herança, este patrimônio muitas vezes descontextualizado ou abandonado, os profissionais em Arqueologia não podem se omitir, devendo assumir sua responsabilidade preservacionista. Contemporaneamente, coloca-se ainda de forma mais contundente este desafio, se pensarmos na quantidade avassaladora de material proveniente dos trabalhos de Arqueologia por Contrato e na dificuldade de garantir institucionalmente a sua preservação. (FORTUNA et Al., Pág. 2 e 3).

Ainda afirmam os citados autores que, os pesquisadores devem sempre estar comprometidos com uma ética preservacionista, seja em relação aos seus trabalhos de campo ou a curadoria dos acervos e coleções materiais das instituições a que fazem parte, ou ainda a ações sociais de devolução do conhecimento junto à sociedade civil brasileira.

Os estudos dos remanescentes ósseos humanos se apropriam de uma realidade de comprometimento tanto no trabalho de campo quanto em laboratório, vem ganhando seu espaço como acervo osteológico humano dentro dos contextos arqueológicos, beneficiando o desenvolvimento do conhecimento científico.

O testemunho essencial sobre atividades humanas do passado é o patrimônio arqueológico, que por fim é indispensável sua proteção e gerenciamento, isto permite aos arqueólogos e outros cientistas estudá-lo e interpretá-lo, em nome das gerações futuras. (SILVA et al., 2016 pág.)

Segundo Cabrita (1993) e Paiva (2006) apud Silva et al., (2016), o patrimônio arqueológico é um dinâmico, que levam as considerações sobre conservação, prevenção, manutenção e restauração.

Conceitos correlatos e complementares à preservação - Cabrita (1993) e Paiva (2006) apud Silva et al., (2016).

Tabela 3:

CONSERVAÇÃO	Conjunto de ações destinadas a prolongar o tempo de vida de um objeto. Implica em desencadear um conjunto de medidas destinadas a salvaguardar e prevenir a degradação, incluindo a realização das operações de monitoramento e manutenção.
PREVENÇÃO	Conjunto de atuações de conservação, em longo prazo, motivadas por conhecimentos prospectivos, sobre o objeto considerado e sobre as condições de seu contexto ambiental.
SALVAGUARDA	Qualquer medida de conservação e prevenção que implique em intervenções diretas sobre o objeto considerado. Destacamos que a noção de salvaguarda considerada para esse estudo é também ampliada e envolve desde ações de conservação preventiva, a pesquisa, a análise e a perícia até a difusão desse conhecimento sobre em questão até a difusão desse conhecimento sobre o acervo em questão.
MANUNTENÇÃO	Série de operações empreendidas com o objetivo de minimizar o ritmo de deterioração na vida de um objeto, sendo desenvolvidas inclusive sobre as suas instalações e seus equipamentos. São operações programadas e geralmente efetuadas em ciclo regulares.
RESTAURAÇÃO	Qualquer intervenção que, respeitando os princípios da conservação e fundamentando-se um cuidadoso o conhecimento prévio, visa e restituir ao objeto, nos limites do possível, uma relativa legibilidade.

(Ref. Ghetti 2015 apud Silva et al., 2016)

Cada uma destas fases levará um processo de melhores qualidades das características dos vestígios das coleções arqueológicas. Vale destacar

que esse conjunto de etapas prioriza os avanços legais para uma valorização aos bens arqueológicos e sua proteção.

7. CONSIDERAÇÕES

A pesquisa tem como objetivo investigar a falta de curadoria dos remanescentes ósseos humanos do sítio Hatahara da fase paredão, que se encontram na reserva técnica do laboratório UFAM.

Conforme a pesquisa de Rapp Py - Daniel (2009), os remanescentes ósseos não tiveram curadoria por completo devido a mesma está cursando mestrado no estado de São Paulo, tendo dificuldades na época para conciliar o curso acadêmico com o trabalho de curadoria no laboratório da UFAM, acontecendo assim à falta de tratamentos de 15 indivíduos. Porém, a autora afirma que “gostaria muito de terminar ou orientar a curadoria deste material”.

No entanto, durante as investigações desenredamos que havia mais materiais osteológicos de outros sítios. Contudo, durante a pesquisa, notou-se que foi feita apenas uma curadoria das urnas do Projeto Gasoduto Coari-Manaus. Os acondicionamentos dos materiais retirados nas urnas funerárias procederam ao tratamento de acordo com o que descreve a autora Okumura (2015). A falta de curadoria e acondicionamentos desses remanescentes ósseos humanos pode levar perda total de informações que conforme Bezerra e Silva (2009), afirma que materiais osteológicos precisam está bem acondicionado com os cuidados devidos.

O tamanho e a resistência da caixa e material de acondicionamento a serem usados variam de acordo com o peso e o volume do material que se deseja transportar. Como princípio geral, os objetos devem ser acondicionados sempre individualmente, em caixas bem acolchoadas, colocando essas caixas em outras maiores, também devidamente acolchoadas (BEZERRA et al., pág. 132, 2009).

Deve-se assegurar que o acervo osteológico esteja bem embalado individualmente em suas caixas, podendo permanecer mais tempo no laboratório, até que possa trazer o tratamento apropriado.

Considerando a importância da produção de conhecimento a partir desses materiais osteológicos abstraídos das reservas técnicas arqueológicas, estas não podem ser utilizadas de forma que fuja da finalidade de trazer respostas para as perguntas que estão à mente do pesquisador, da academia e da população em geral. No entanto a pesquisa é voltada para que se suceda um avanço na conservação, socialização e pesquisas, cumprindo assim com as regras INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL da Portaria 196, de 18 de maio de 2016, entre os profissionais da área. As informações cedidas pelo laboratório é que a curadoria vem tardando por falta de profissionais específicos.

Ao analisar os métodos e técnicas de controle, manuseio e cuidados com o material osteológico humano se pode caracterizar, comparando com as recomendações padronizadas, e quando esta se faz por meio da observação, com as limitações com acesso às informações, a imparcialidade e compreensão à realidade apresentada se fazem necessários.

Assim como as respostas da arqueologia não são prontas e finitas, do presente trabalho também se atrevera a ser, do contrário novas informações devem ser incrementadas no sentido de trazer maior clareza sobre os trabalhos desempenhados nos laboratórios da UFAM, instituição esta centenária e que muito tem contribuído para a ciência no Brasil.

Deserte não se deve observar com o olhar omissivo, de que as falhas e necessidades de mudanças são imprescindíveis para o desenvolvimento das atividades com os restos humanos, considerando não somente seu valor científico, mas também histórico social e até moral.

As mudanças estruturais, a necessidade de profissionais especializados, o zelo nas movimentações e catalogações das descobertas, dos objetos, das amostras se fazem necessários na clareza de que disto depende a idoneidade das informações.

A minuciosidade dos procedimentos adotados se faz necessário para um julgamento mais profundo e real dos fatos, o que não foi possível obter no presente trabalho devido às dificuldades no acesso as informações das mais

diversas formas, e ainda a ausência de publicações a respeito do assunto, especificamente.

Mas, de forma objetiva se apresentou o que se resulta e uma base para novas e mais relevantes pesquisas sobre o assunto, e que se origina a um debate sobre o assunto na academia e na sociedade e no levante de novos profissionais que necessariamente trarão maior eficiência ao árduo trabalho arqueológico no estado do Amazonas e no Brasil, que ainda há muito para se desvelar da história local e humana.

Portanto, é imprescindível que tenha responsáveis legais para o conhecimento de curadoria dos remanescentes ósseos humanos em qualquer reserva técnica, para que haja o processo de curadoria e informações necessárias para fundamentar uma pesquisa e que sejam garantidas no processo de curadoria para manter a vida do material, de uma forma que o pesquisador que vá fazer o estudo desse material tenha condições de realizar a leitura do material fidedigna.

8. REFERÊNCIAS

BEZERRA, I.P., Tirando do pó: Uma introdução metodológica sobre o tratamento de remanescentes ósseos humanos de origem arqueológica. *Revista de Arqueologia*, 22, n.2, (agosto-dez. 2009): 121-135, 2009.

BRUNO, Maria Cristina O. “A importância dos processos museológicos para a preservação do patrimônio”. In: *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 3. São Paulo: MAE/USP, 1999.

CARVALHO, O; QUEIROZ, A. Informações tafonômicas da coleção paleontológica do Xingu, Brasil, como subsídio a compreensões de processos culturais. *Clio Arqueologia*, nº 19 v. 2 p. 148-174, 2005.

CHAGAS, Mario. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13).

FORTUNA, A. C, et al. A Arqueologia na ótica patrimonial: Uma proposta para ser discutida pelos arqueólogos brasileiros. *Canindé, Xingó*, nº 1, Dezembro de 2001.

GUIMARÃES, M. B. Arqueologia de assentamentos: uma análise bibliográfica. In: NOGUEIRA, A. D.& SILVA, E. D. da. *O despertar do conhecimento na Colina Azulada*. Vol. III. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, p. 95–120, 2011.

LEGISLAÇÃO (Disponível na internet; site do IPHAN www.iphan.gov.br)

- ✓ INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001, 15 de março 2015.
- ✓ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, Nº 18 de maio de 2016.

LESSA, A.P., Conceito e métodos em curadoria de coleções osteológica humanas, Museu Nacional/UFRJ, departamento de Antropologia. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040 Rio de Janeiro, 2011. Washington.

LIMA, H. P.; NEVES, E. G. Cerâmicas das Tradições Borda Incisa /Barrancóide na Amazônia Central. *R. Museu Arq. Etn*, São Paulo, n. 21, p. 205-230, 2011.

NEVES, W. A. 1988. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi-Zoologia*, Belém, v. 4:3-26.

MACHADO, J.S., Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara, Amazonas. Memorial de qualificação em nível de mestrado, MAE/USP, setembro de 2004.

MAIA, F. F., A Única certeza que tem na vida é a Morte: Identificação de perfil osteobiológico humano. Universidade Federal de Rondônia- Porto Velho- 2014.

MARTINS, Luciana Conrado. Arqueologia de salvamento e os desafios dos processos de musealização. Monografia do Curso de Especialização em Museologia. São Paulo: MAE/USP, 2000.

MEGGERS, B. J., Evans, C., 1957 *Archeological Investigation at the mouth of the Amazon*, Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, Government Printing Office Bulletin 167, Washington.

OKUMURA, M. Curadoria de remanescentes humanos: Práticas e experiências na coleção Duckworth (Universidade de Cambridge, Reino Unido). Revista Tecnologia e Ambiente, Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul, v. 21, n. 1, 2015, Criciúma, Santa Catarina.

PEREIRA, D. Perspectiva da Curadoria Arqueológica: O caso do Laboratório de Arqueologia Peter Hilber Macapá. Março de 2012.

PROUS, André (Ed.). Santana do Riacho - Tomo II. *Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais*, v.13/14, 1992-1993.

RABELLO C. M. A. et Al,. Coleções Arqueológicas em perigos. O caso de Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Revista Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- Patrimônio Arqueológico: O desafio da preservação nº 33/2007.

RAPP Py-Daniel, A. Arqueologia do norte Sítio Hatahara durante a fase paredão. Dissertação apresentada para Universidade de São Paulo para obtenção o título de mestre em Arqueologia. São Paulo 2009.

RAPP Py- Daniel, A. Práticas funerárias na Amazônia: A morte a diversidade e os locais de enterramentos. Goiânia, v. 14, n,1,p. 87-106, janeiro de 2016.

RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueóloga. Teoría, Métodos y Practica. Tradução: Maria Jesús Rial. Akal: Madrid, p. 571. 1993.

SENE, G. Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. Tese (mestrado), Universidade de São Paulo – Museu de Arqueologia e Etnologia. 413 p. São Paulo, 2007.

SILVA, S.F.S.M; CALVO, J.B. Potencial de análise e interpretação das deposições mortuárias em arqueologia: perspectivas forenses. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17: 469-491 2007.

SILVA, S.F.S. M, et al. Conservação e Curadoria de Remanescentes Esqueléticos Humanos. Ensaio sobre preservação de materiais arqueológicos de natureza orgânica da RETEC-ARQ DA UFPE: Remanescentes ósseos humanos Recife PE 2016.

SOUZA, M. S, Arqueologia de funerais: Quando os mortos esclarecem os (Arqueólogos) vivos. Laboratório FIOCRUZ e MN/UFRJ/ Brasil, 2003.

SOUZA, M. S *et Al.*, Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 8, n. 3, p. 551-566, set.-dez. 2013.

SOUZA, L.A.C., 2008. Conservação Preventiva: Controle Ambiental. Cadernos Técnicos - Tópicos em Conservação Preventiva, 5. Belo Horizonte: EBA-UFMG; IPHAN.

STERWARD, J. H. 1948 *Culture Areas of the Tropical Forest*, in Handbook of South American Indians, Editor Julian H. Sterward – Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, United State Printing Office, Bulletin 143, Vol. 3, pp. 883 – 899, Washington.

WHITE, T. D.; FOLKENS, P. A.. *The Human Bone Manual*. New York: Elsevier Academic Press, 2005.

www.salves.com.br e www.brasilecola.com

